



## ***Impacto das Infecções Sexuais na Saúde dos Adolescentes***

Suzinete Silva de Souza<sup>1</sup>, Viviane Marinho dos Santos<sup>2</sup>



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n10p2305-2319>

Artigo recebido em 26 de Agosto e publicado em 16 de Outubro

### ARTIGO CIENTÍFICO

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar o impacto das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) na saúde dos adolescentes, abordando a necessidade urgente de educação sexual eficaz e a atuação do farmacêutico na prevenção e orientação. Através de uma revisão da literatura, a pesquisa foi conduzida nas fontes de informação *Scielo (Scientific Eletronic Library Online)*, *MEDLINE/Pubmed*, *Google Scholar* e portal do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), para quantificar os casos de infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes, a partir dos termos: infecções sexualmente transmissíveis, saúde dos adolescentes, automedicação e orientação farmacêutica. Os resultados mostram que a falta de comunicação sobre sexualidade contribui para comportamentos de risco, destacando a importância do diálogo aberto entre pais, educadores e adolescentes. O farmacêutico emerge como um profissional fundamental, capaz de oferecer informações claras e criar um ambiente acolhedor para discussões sobre saúde sexual, promovendo a adesão a medidas preventivas e tratamentos. Conclui-se que a educação sexual nas escolas e a orientação farmacêutica são essenciais para a redução das ISTs e a promoção do bem-estar dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Infecção sexualmente transmissíveis, Saúde dos adolescentes, Orientação farmacêutica.

# Impact of Sexual Infections on Adolescent Health

## ABSTRACT

This article aims to investigate the impact of sexually transmitted infections (STIs) on adolescent health, addressing the urgent need for effective sexual education and the role of pharmacists in prevention and guidance. Through a literature review, the research was conducted using the following sources of information: Scielo (Scientific Electronic Library Online), MEDLINE/Pubmed, Google Scholar and the SINAN (Notifiable Diseases Information System) to quantify cases of sexually transmitted infections in adolescents, based on the terms: sexually transmitted infections, adolescent health, self-medication and pharmaceutical guidance. The results show that the lack of communication about sexuality contributes to risky behaviors, highlighting the importance of open dialogue between parents, educators and adolescents. The pharmacist emerges as a key professional, capable of offering clear information and creating a welcoming environment for discussions about sexual health, promoting adherence to preventive measures and treatments. It is concluded that sexual education in schools and pharmaceutical guidance are essential for reducing STIs and promoting adolescent well-being.

**Keywords:** Sexually transmitted infections, Adolescent health, Pharmaceutical guidance.

Instituição afiliada – UNIVERSIDADE NILTON LINS (UNL)

Autor correspondente: Suzinete Silva de Souza [suzinetesdes@gmail.com](mailto:suzinetesdes@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) são causadas por diversos microrganismos patogênicos que podem ser transmitidos principalmente por meio de contato sexual desprotegido, porém também de forma não sexual em menor proporção (Dantas et al., 2023). Essas infecções incluem fungos, bactérias, vírus e protozoários que aparecem com maior frequência nas regiões genitais de homens e mulheres infectados, podendo ocorrer em outras áreas do corpo também (De Araújo et al., 2019).

Apesar de muitas ISTs não apresentarem sintomas, são extremamente contagiosas (Dantas et al., 2023). Fatores como múltiplos parceiros sexuais, acesso limitado aos serviços de saúde e condições socioeconômicas desfavoráveis, principalmente a falta de educação sexual adequada, contribuem para que muitos casos não recebam tratamento (Cabral et al., 2024). Isto pode acarretar em sérias complicações como infecções, infertilidade, abortos espontâneos, malformações congênitas, câncer e até óbito (Medrado et al., 2017).

As relações sexuais desprotegidas transmitem um elevado número de ISTs, representando um grave problema de saúde pública devido à magnitude dos infectados. Contudo, uma proporção alarmante de pessoas não tem acesso a tratamento adequado, o que contribui para o aumento da resistência antimicrobiana e para a manutenção do potencial de transmissão de forma assintomática (De Lima Melo; De Sousa, 2024; De Jesus; Oliveira, 2021).

Durante a adolescência é que ocorre o período de transição física, psicológica e social. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), esta fase física abrange o período que vai do início das características sexuais do indivíduo (Barbosa et al., 2024). Sendo assim, é comum a falta de disposição para compreender o contexto sexual, a fantasia de ter a capacidade de proteger e controlar a vida, a falta de compreensão das formas e prevenção das ISTs, as dificuldades na tomada de decisões e a necessidade de ser aceito pelos outros fazem com que os torne mais suscetíveis a comportamentos sexuais de risco (Da Silva et al., 2016).

Nessa etapa da vida, em uma determinada parcela, acontecem as primeiras relações sexuais e contam com maior número de parceiros sexuais, levando ao aumento

da incidência de infecções sexualmente transmissíveis (Silva et al., 2022). O uso de preservativos é menor entre os adolescentes e a atividade sexual é muitas vezes não planejada, representando aproximadamente 10% da atividade sexual, e 25% de diagnósticos de ISTs ocorrem em jovens com menos de 25 anos, demonstrando a vulnerabilidade dos adolescentes (De Souza Lopes et al., 2019).

Portanto, vários estudos indicam a necessidade urgente de educação sexual nas escolas, com informações ilimitadas, conhecimentos suficientes, e medidas preventivas e da aquisição das (ISTs), em consonância, a família que tem dificuldade em conversar sobre o assunto ao dialogar educação sexual com os filhos (Maesima e Gomes, 2022). A mídia, que pode fornecer informações corretas ao público adolescente, priorizando estes indivíduos e a sociedade (Furlanetto, 2018).

Diante disso, este artigo pretende elucidar a seguinte questão problemática: Como o farmacêutico pode contribuir na minimização do impacto das infecções sexuais na saúde dos adolescentes?

## **METODOLOGIA**

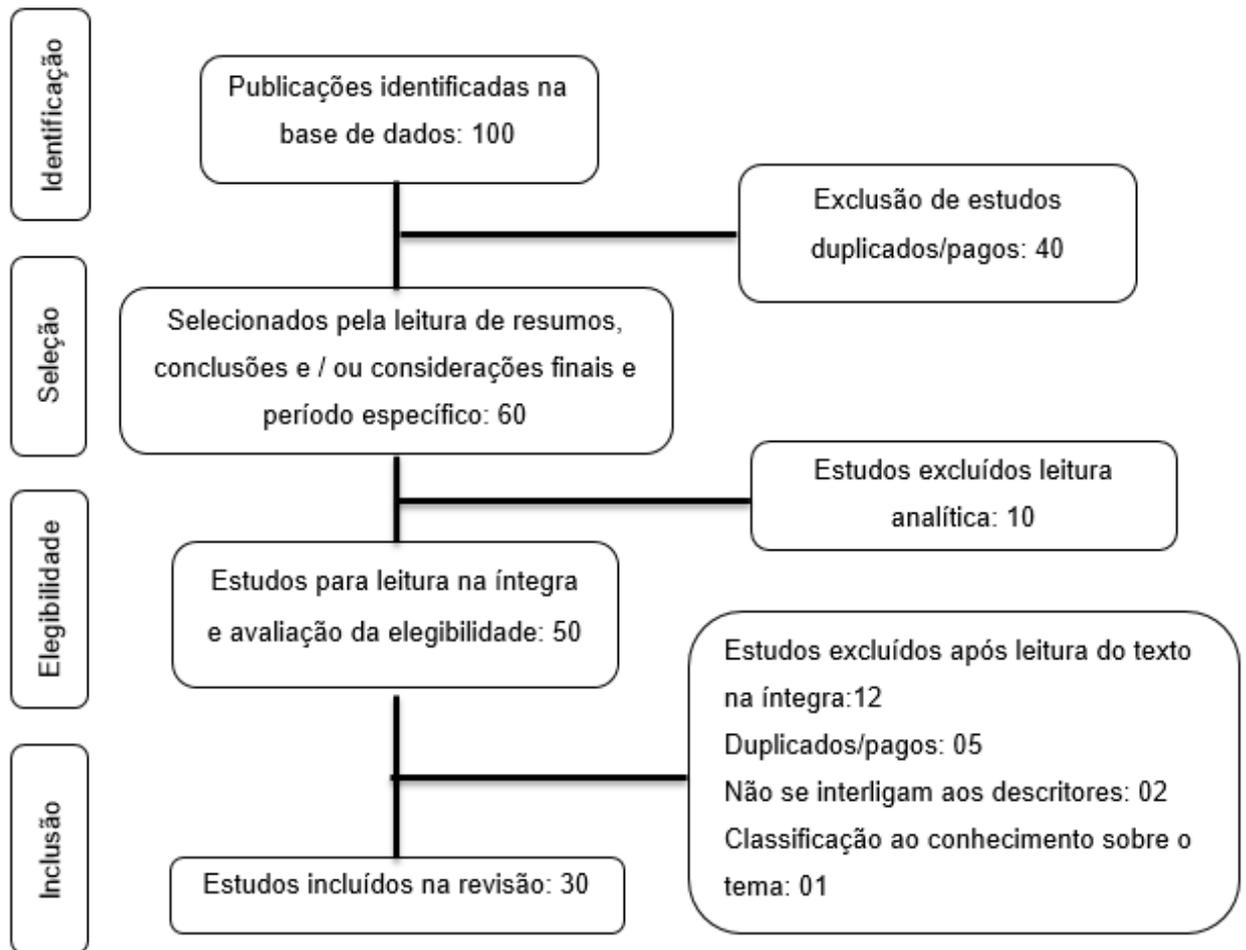
A pesquisa envolve uma revisão da literatura, com enfoque qualitativo e exploratório. Com base no propósito já mencionado, a abordagem visa elucidar a seguinte questão central: Como o farmacêutico pode contribuir na minimização do impacto das infecções sexuais na saúde dos adolescentes?

Para essa finalidade, a pesquisa bibliográfica foi conduzida em diversas fontes de informação, tais como *Scielo (Scientific Eletronic Library Online)*, *MEDLINE/Pubmed*, *Google Scholar* e portal do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), para quantificar a prevalência dos casos de infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes. Para isso, procedeu-se a pesquisa a partir dos termos: infecções sexualmente transmissíveis, saúde dos adolescentes, automedicação e orientação farmacêutica; analisados separadamente e posteriormente combinados, em português e inglês.

Durante a pesquisa de materiais científicos, realizamos uma triagem de artigos através da leitura e análise detalhada do conteúdo, revisando os resumos, conclusões e considerações finais. Para a inclusão, selecionamos artigos e pesquisas de acesso livre,

relacionados aos descritores do tema em questão. E publicados no período entre os anos de 2014 a 2024. Para a exclusão, removemos artigos não alinhados com a temática, duplicados, em idiomas estrangeiros, publicados fora do período delimitado, pagos ou não relacionados ao objetivo da pesquisa (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma do percurso metodológico



Fonte: Elaborado pela Autora (2024)

Por considerações éticas, a pesquisadora respeitou a autoria das fontes utilizadas em sua pesquisa. Todos os autores que contribuíram com materiais foram devidamente referenciados para garantir o devido crédito, de acordo com as leis de direitos autorais aplicáveis no país. Além disso, todas as citações seguiram as normas da ABNT, que são válidas no Brasil.

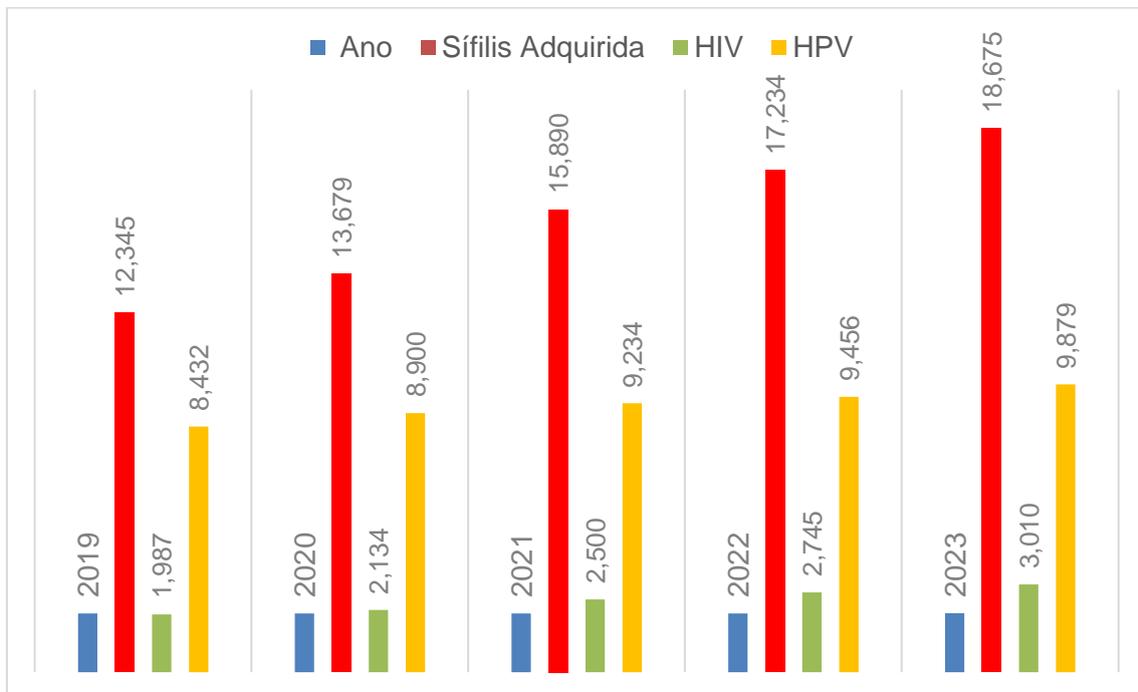
## RESULTADOS

A adolescência é marcada pelo desenvolvimento hormonal e surgimento do interesse pela vida sexual. Nesse período, os jovens estão mais suscetíveis a infecções se não devidamente orientados (Abreu; Pederiva, 2023). Vale ressaltar que pais, responsáveis e escola devem abordar cedo a prevenção de ISTs, visto que o diálogo é fundamental para evitar riscos à saúde por falta de precaução (Ramos et al., 2023).

O receio de abordar o tema da orientação sexual com adolescentes, muitas vezes motivado por tabus ou pelo medo de conflitos familiares, impede que eles tenham acesso a informações cruciais para o cuidado de sua saúde sexual e a prevenção de doenças (Guedes et al., 2017).

Com base nos estudos que compreendem os anos de 2019 a 2023, apresentamos em forma de gráfico dados recentes sobre a incidência de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) entre adolescentes de 13 a 17 anos no Brasil, compilados de diferentes fontes do Ministério da Saúde por meio de estudos de boletins epidemiológicos (BRASIL, 2023).

Gráfico 1 - Número de casos de ISTs em jovens de 13 a 17 anos por ano a cada 100mil/hab



Fonte:BRASIL (2023)



Conforme os dados do Gráfico 1 demonstram um percentual significativo nos casos de sífilis adquirida no período de 2019 a 2023. Enquanto as notificações de HIV e HPV apresentaram variações, a sífilis apresentou um crescimento exponencial, passando de 1.987 para 18.675 casos, evidenciando uma situação alarmante

Vários fatores podem contribuir para o crescimento dos casos de sífilis adquirida, como a redução do uso de preservativos, a escassez de informações sobre prevenção e a expansão da testagem em grupos de risco. A sífilis é uma infecção tratável e curável, contudo, seu crescimento é alarmante, visto que traz graves impactos para a saúde pública, incluindo a transmissão vertical da enfermidade (BRASIL, 2022).

Deste modo, a crescente incidência de ISTs entre jovens tem se mostrado uma preocupação crescente, devido à falta de conhecimento adequado sobre prevenção e cuidados, além de comportamentos de risco, como o início precoce da vida sexual e o uso inconsistente de preservativos.

A prevalência do HIV também apresenta suas peculiaridades. Apesar do crescimento em alguns anos, a aplicação de políticas eficazes de prevenção e tratamento, como a terapia antirretroviral, tem auxiliado no controle da epidemia em certos grupos. A instrução sobre saúde e o incentivo ao uso de preservativos são fundamentais para a prevenção, conforme destacado por Tuppan e Nogueira (2015).

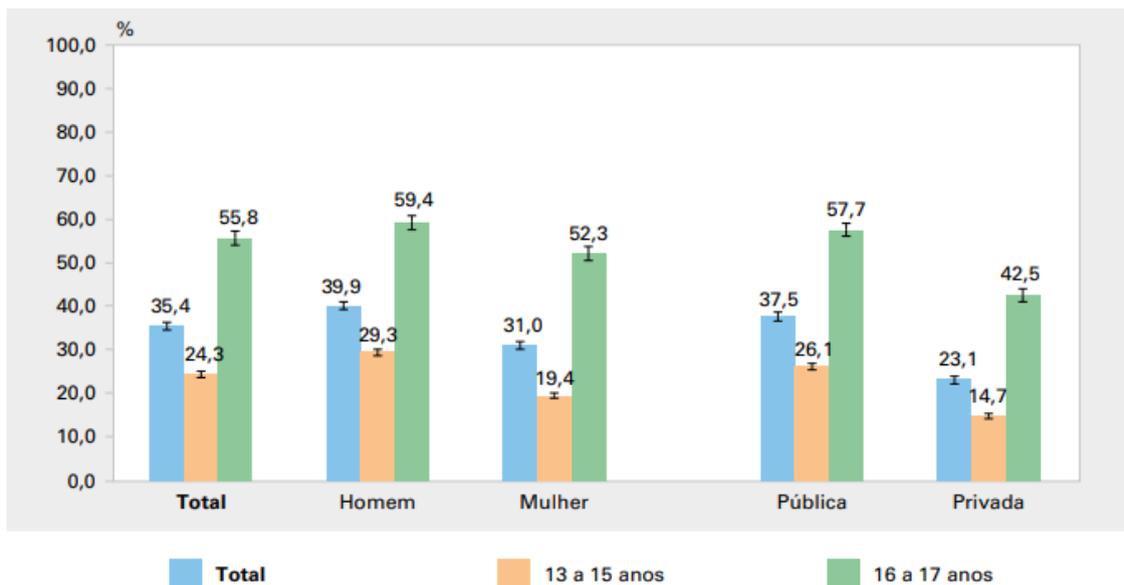
O papilomavírus humano (HPV), atua como agente etiológico em uma ampla gama de neoplasias, incluindo o câncer cervical, através da integração do seu genoma ao genoma da célula hospedeira (Barbosa; Niquirilo, 2016). A imunização contra o HPV tem se mostrado uma tática relevante para diminuir a prevalência dessa infecção, principalmente entre os jovens. Contudo, em diversas regiões, a adesão à vacina ainda é um obstáculo, o que pode afetar as taxas de incidência (Xavier, 2022).

Embora existam muitas informações disponíveis sobre saúde sexual, uma pesquisa recente divulgada pela SBU (Sociedade Brasileira de Urologia) através da campanha #VemProUro, mostrou que 41,67% dos adolescentes ainda não se sentem confortáveis para discutir o tema (SBU, 2024). Esta circunstância é preocupante, especialmente levando em conta que a família e a escola são frequentemente consultadas como fontes de informações sobre o assunto.

Spindola (2021) ressalta a necessidade premente de atualizar a comunicação com os jovens, considerando suas características únicas e contextos pessoais. É essencial que as táticas de comunicação sejam modificadas para satisfazer as demandas desta idade, estabelecendo um ambiente mais receptivo e receptivo para debates sobre sexualidade. A ausência de diálogo sobre sexualidade pode levar à desinformação e a comportamentos arriscados, destacando a necessidade de criar um ambiente seguro onde os jovens se sintam à vontade para procurar informações e orientações.

Em um levantamento realizado pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) em 2019 revelou que a iniciação sexual entre adolescentes brasileiros com idade entre 13 e 17 anos é uma realidade para uma parcela significativa da população. Os dados indicam que 35,4% dos estudantes nessa faixa etária já tiveram alguma experiência sexual. Ao analisar os resultados por sexo, observa-se uma diferença: 39,9% dos meninos relataram ter tido relações sexuais, enquanto essa proporção foi de 31,0% entre as meninas, como se demonstra no Gráfico 2.

*Gráfico 2 – Percentual de escolares de 13 a 17 anos que tiveram relação sexual alguma vez, por grupos de idade, segundo o sexo e a dependência administrativa da escola.*

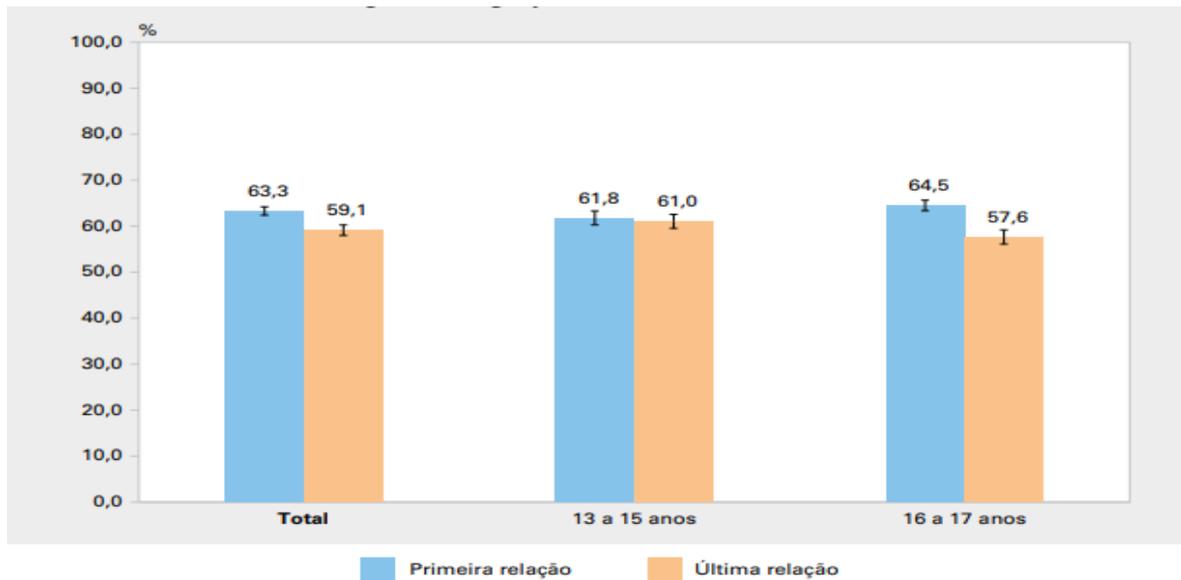


Fonte: IBGE (2019)

Em conformidade com o IBGE (2021), o uso de preservativo na primeira relação sexual entre os adolescentes é de 63,3%, com taxas levemente superiores entre as meninas e os estudantes da rede privada. No entanto, o estudo revelou uma

preocupante queda no uso desse método contraceptivo na última relação sexual, com apenas 59,1% dos estudantes relatando ter utilizado o preservativo, como se vê no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Percentual de escolares de 13 a 17 anos, que já tiveram relações sexuais, em que um dos parceiros usou preservativo na primeira relação e na última relação sexual, segundo os grupos de idade.



Fonte: IBGE (2019)

Com esses dados reforça-se a importância de intensificar as ações de educação sexual nas escolas e na comunidade, visando promover o uso consistente de preservativos em todas as relações sexuais e prevenir infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência.

Moreira et al., (2021) também ressalta a necessidade dos jovens recorrerem às medidas preventivas, como o preservativo, já que o vírus HIV não significa o fim, podendo ser evitado. Portanto, faz-se necessária a promoção de ações educativas que esclareçam os adolescentes sobre sexualidade responsável e redução de riscos, visando seu bem-estar e saúde física e emocional durante a transição para a vida adulta.

As campanhas de prevenção das ISTs direcionadas aos adolescentes costumam abordar aspectos biológicos e métodos contraceptivos. Entretanto, é fundamental ampliar a discussão para a esfera das relações interpessoais (Grigsby et al., 2016).

Neste cenário, o papel do farmacêutico é primordial ao auxiliar na prevenção e



orientação deste grupo. O especialista tem a capacidade de oferecer informações claras e compreensíveis sobre métodos contraceptivos e sua correta utilização, esclarecendo questões sobre preservativos, camisinhas femininas e pílulas (Eler et al., 2022). Além disso, ele precisa estar preparado para ouvir os adolescentes de maneira receptiva e sem julgamento, caso eles busquem orientação. Isso gera confiança e facilita a procura por assistência em caso de suspeita ou confirmação de ISTs (Gonçalves et al., 2015).

Indivíduos com ISTs lidam com graves problemas psicológicos devido ao preconceito social, o que afeta negativamente seu bem-estar (Unemo et al., 2017). Neste contexto, o papel do farmacêutico é importante no suporte aos pacientes durante o tratamento. Trabalhando na Atenção Primária, o profissional deve motivar a pessoa a dar valor à saúde através de um diálogo empático. Isso é primordial para que o paciente se sinta acolhido e confie em seguir com o tratamento, o que é necessário para o controle das ISTs (Machado et al., 2020).

Desta forma, o início do tratamento contra o HIV em adolescentes pode ser marcado por desafios, especialmente nos primeiros meses. Apesar dos antirretrovirais serem eficazes no controle da doença, é comum que causarem efeitos colaterais como fadiga, náuseas e dores de cabeça, impactando a rotina do paciente. O diagnóstico precoce contribui para um melhor prognóstico, exigindo ajustes na rotina e nas atividades diárias por um período (Nicioli; Betoni Galende, 2015).

Assim, a literatura demonstra que as infecções como HPV, clamídia e gonorreia são prevalentes nesta faixa etária, e podem acarretar consequências de longo prazo que incluem infertilidade, complicações durante a gravidez e maior risco de coinfeção com o HIV (Dos Santos et al., 2024).

Portanto, salienta-se que a fase inicial do tratamento é marcada por adversidades, como a severidade da patologia e os efeitos adversos da farmacoterapia. Nesse sentido, o farmacêutico clínico desempenha um papel fundamental na orientação farmacoterapêutica, esclarecendo sobre os possíveis efeitos colaterais e oferecendo suporte psicossocial durante o processo de adaptação do paciente ao tratamento.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou evidenciar a necessidade premente de estratégias mais eficazes para a educação sexual. A adolescência, marcada pelo aumento do interesse pela sexualidade, revela-se um período em que a ausência de informações adequadas e a resistência ao diálogo favorecem a exposição desse grupo a comportamentos de risco.

Com isso, conclui-se que é imprescindível que a família e a escola assumam um papel ativo na promoção de uma comunicação clara e educativa sobre sexualidade. Os dados analisados destacam o aumento na incidência de ISTs, especialmente sífilis, em jovens de 13 a 17 anos. A falta de conhecimento sobre métodos preventivos, como o uso de preservativos, e a carência de orientação adequada emergem como fatores agravantes dessa situação.

O papel do farmacêutico, enquanto profissional de saúde, foi sublinhado como essencial na prevenção e orientação sobre ISTs. Sua habilidade de fornecer informações acessíveis e criar um ambiente acolhedor para que os adolescentes se sintam à vontade para buscar ajuda. A orientação farmacêutica pode contribuir para a superação de tabus, oferecer suporte durante o tratamento e facilitar a adesão às terapias, promovendo assim uma melhora na saúde física e mental dos jovens.

Portanto, o estudo ressalta a necessidade de campanhas de conscientização que não se limitem aos aspectos biológicos, mas também que incentivem a criação de espaços seguros para o diálogo sobre sexualidade, promovendo confiança e entendimento. Assim, sugere-se que estudos futuros sejam realizados para explorar a eficácia de programas de educação sexual integrados entre escolas e famílias, e o farmacêutico na orientação sobre saúde sexual para jovens.

## REFERÊNCIAS

ABREU, F. S. D. de; PEDERIVA, P. L. M. A periodização histórico-cultural do desenvolvimento humano: A adolescência em questão. **Revista Psicopedagogia**, v. 40, n. 123, p. 376-393, 2023.

BARBOSA, A. M. B. R.; NIQUIRILO, A. T. Eficácia e segurança da vacinação contra o Papiloma Vírus Humano no programa nacional de imunização. **Atas de Ciências da Saúde (ISSN 2448-3753)**, v. 4, n. 1, p. 02-11, 2016.



BARBOSA, M. G. et al. Sexualidade: Por que a escola deve abordar este assunto na escola?. **REVISTA FOCO**, v. 17, n. 1, p. e4311-e4311, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST** [recurso eletrônico]. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. – Brasília : Ministério da Saúde, 2022. 211 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-numero-especial-dez-2023/view>>. Acesso em: 19 set. 2024.

CABRAL, B. F. et al. Compreendendo a prevalência e o impacto das doenças sexualmente transmissíveis em mulheres: foco nos fatores de risco, prevenção e resultados de saúde. **Europub Journal of Health Research**, v. 5, n. 2, p. e5342-e5342, 2024.

DANTAS, J. C. R. et al. Equipe multidisciplinar no controle de Infecção Sexualmente Transmissíveis (IST) em adolescentes: revisão integrativa. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 16, n. 9, p. 15752-15769, 2023.

DA SILVA, A. M. B.; ENUMO, S. R. F.; DE MORAIS AFONSO, R. Estresse em atletas adolescentes: Uma revisão sistemática. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 8, n. 1, p. 59-75, 2016.

DE ARAÚJO, F. M. P. A.; DA SILVA, J. Â.; RODRIGUES, T. S. Caracterização das infecções sexualmente transmissíveis em usuários da atenção básica: Uma revisão integrativa. **Revista Uningá**, v. 56, n. S2, p. 204-221, 2019.

DE JESUS, I. P.; OLIVEIRA, C. B. F. PERCEPÇÃO DE HOMENS ACERCA DE COMPORTAMENTOS DE RISCOS PARA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: REVISÃO INTEGRATIVA. **Anais dos Seminários de Iniciação Científica**, n. 25, 2021.

DE LIMA MELO, M. R.; DE SOUSA, M. N. A. Atuação da atenção primária na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis entre adolescentes: relato de experiência. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 17, n. 3, p. e5633-e5633, 2024.

DE SOUZA LOPES, J.; DA GUIRRA, P. S. B.; DE OLIVEIRA, T. R. S. Pré exposição (prep) ao HIV e indivíduos em maior vulnerabilidade: uma revisão crítica da literatura de 2013 a 2018. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 27, p. e963-e963, 2019.

DOS SANTOS, L. R. B. et al. Caracterização social, práticas sexuais e a vulnerabilidade de jovens homens às infecções de transmissão sexual. **CONTRIBUCIONES A LAS**



**CIENCIAS SOCIALES**, v. 17, n. 7, p. e8581-e8581, 2024.

ELER, K. et al. Direito de participação da criança e do adolescente na qualidade e na segurança do seu cuidado: estratégias para sua implementação. **Resid Pediatr. No prelo**, 2022.

FURLANETTO, M. F. et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de pesquisa**, v. 48, p. 550-571, 2018.

GONÇALVES, H. et al. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, p. 25-41, 2015.

GRIGSBY, T. J. et al. Predictors of alcohol-related negative consequences in adolescents: A systematic review of the literature and implications for future research. **Journal of adolescence**, v. 48, p. 18-35, 2016.

GUEDES, J. C.; DOS SANTOS, H. O.; NETO, I. P. F. A abordagem da educação sexual nos espaços escolares: um olhar sobre a perspectiva dos alunos do ensino médio de Guaraí/TO. **Educationis**, v. 5, n. 2, p. 34-40, 2017.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2019**. Rio de Janeiro: IBGE; 2021. 162 p.

MACHADO, D. R.; OLIVEIRA, J. M.; TAKETANI, N. F. A importância da atenção farmacêutica frente a não adesão ao tratamento e a resistência virológica ao HIV. **Revista Ensaios Pioneiros**, v. 4, n. 1, p. 14-24, 2020.

MAESIMA, G. M.; GOMES, M. de A. Educational measures in an open environment: notes from a narrative review. **Revista Psicologia Política**, v. 22, n. 55, p. 637-653, 2022.

MEDRADO, K. S.; DE OLIVEIRA SANTOS, M.; DE MORAES FILHO, A. V. Papiloma vírus humano (HPV): revisão bibliográfica. **Saúde & ciência em ação**, v. 3, n. 2, p. 52-63, 2017.

MOREIRA, G. B. C. et al. Adolescentes e as infecções sexualmente transmissíveis: comportamentos de risco e fatores contextuais que contribuem para o aumento da incidência no Brasil. **Revista interdisciplinar ciências médicas**, v. 5, n. 1, p. 59-66, 2021.

NICIOLI, V. C.; BETONI GALENDE, S. Atenção farmacêutica aos pacientes portadores do vírus da Imunodeficiência Humana. **Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research**, v. 12, n. 3, 2015.

RAMOS, M. S. et al. Infecção sexualmente transmissível: percepção; orientação e intervenção para alunos do Ensino Médio. **Cadernos da FUCAMP**, v. 22, n. 56, 2023.

SBU (Sociedade Brasileira de Urologia). **Campanha #VemProUro**. 2024. Disponível em:



<<https://www.sbu.org.br>>. Acesso em: 4 out. 2024.

SILVA, N. M. da et al. Level of knowledge of adolescents about HIV infection: A relationship with self-care and risk behaviors. **Enfermería Actual de Costa Rica**, n. 43, 2022.

SPINDOLA, T. et al. A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2683-2692, 2021.

TUPPAN, P. M.; NOGUEIRA, T. F. Políticas para o tratamento público a pessoas com HIV/AIDS no Brasil, 2010-2014. **AIDS no Brasil**, v. 2014, n. 2015, p. 53, 2015.

UNEMO, M. et al. Sexually transmitted infections: challenges ahead. **The Lancet infectious diseases**, v. 17, n. 8, p. e235-e279, 2017.

XAVIER, W. B. G. ESTUDO DESCRITIVO DAS TAXAS DE VACINAÇÃO NO MUNICÍPIO DE TUPARETAMA-PE NO PERÍODO DE 2015 A 2021. **Repositório Institucional do Unifip**, v. 7, n. 1, 2022.